



A lírica de Walther Von Der Vogelweide: a natureza como espelho do Amor Real em *Under der Linden*

Úrsula Antunes (UFRJ/FSB/NIELIM)

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar, através de uma das canções de Walther Von Der Vogelweide, como o poeta medieval de língua alemã usa elementos da natureza para tratar de um aspecto recorrente em sua lírica: o Amor real.

Palavras-chave: literatura medieval, Sacro Império Romano Germânico, poesia

The Lyrical of Walther Von Der Vogelweide: the nature as a mirror of Real Love in *Under der Linden*

Abstract: This article intends to expose, through one of most widely recognized Walther von der Vogelweide's chanson, how the german medieval poet uses the natural imagery to talk about an iterant feature in his lyric: Real Love.

Key words: Medieval literature, the Holy Roman Empire, poetry

O poeta medieval Walther Von der Vogelweide, cuja fama excedeu o recorte temporal da Idade Média, foi um trovador (em alemão *minnesänger*) nascido no século XII de origem nobre, tendo sido educado em meio a nobreza vienense. No entanto, levou uma vida nômade enquanto menestrel, tendo passado por diversas regiões do Sacro Império, e, inclusive, participando de cruzadas. Teve como tutor e mentor o igualmente poeta Reinmar von Hagenau, e, assim como este, desenvolveu uma lírica refinada e que passou por diferentes fases.

Sua trajetória divide-se em *høbe minne*- alto amor ou o canto do amor idealizado; *niedere minne* – baixo amor ou amor real; e *Spruchdichtung*- diferente das anteriores, refere-se à poesia de reflexão política. Sua poesia usava estruturas de versificação que facilitavam o acompanhamento melodioso, e trazia elementos de vivências reais. A natureza, como parte integrante da vida medieval, está presente na poética de Vogelweide durante suas três fases.

É preciso, no entanto, fazer a distinção entre os vocábulos *minne* e *liebe*. No Alemão moderno, a palavra *minne* não existe mais, porém, no médio alemão, se distinguia de *liebe* pelo fato de tratar-se do amor cortês e idealizado, contrapondo-se ao *liebe*, que dizia respeito ao amor carnal. Dessa forma, faz-se necessário refletir acerca do que era o *høbe* e o *niedere minne*.

Temos que levar em conta o contexto histórico-social no qual a poética medieval se desenvolveu: um ambiente feudalizado em que as figuras da nobre dama e do cavaleiro eram valorizadas no ambiente palaciano, transportando, assim, para a alegoria literária valores palacianos de veneração (ao objeto amado – a mulher) e de distanciamento. Como bem coloca Spina:

O *amor* na lírica trovadoresca, apresenta-se como tentativa de união entre o homem que solicita e a mulher que nega: o *amante-mártir* e a *dame sans merci* (a mulher sem compaixão). Daí dizermos que a poesia cortês constitui, em síntese, a exaltação do amor infeliz. (SPINA, 2007: 49)

O *høbe minne* trata, justamente, dessa exaltação do amor inalcançável e idealizado. Essa fase da lírica de Vogelweide teve influência de seu mentor Hagenau, o qual compunha primordialmente canções palacianas. A lírica cortesã traz consigo valores difundidos pela tradição eclesiástica de pureza e força de caráter. Como explica Barros:

São contemporâneos do trovadorismo e do Amor Cortês fenômenos como o renascimento urbano e comercial, as Cruzadas, a introdução de novas formas de civilidade no universo

mental dos homens medievais, e o surgimento de novas formas de religiosidade(...) O Amor Cortês encontra seus principais veículos de expressão nas cantigas dos trovadores, nos romances cortesês, nas “cortes de amor” e, em muitos casos, nas próprias “vidas” dos poetas-cantores que percorriam as cortes feudais da Europa Medieval e que por vezes acabavam transformando a sua própria existência errante em uma autêntica obra de arte. (BARROS, 2011: 1-2)

O *Niedere Minne*, por sua vez, se afasta das tradições palacianas e se aproxima do popular. A corte e o castelo dão lugar às charnecas; a dama nobre dá lugar à moça humilde. Além disso, se afasta do modelo eclesiástico de poética cavaleiresca. É nesse contexto que o poeta aproxima a natureza do homem; não o cavaleiro, mas o homem comum. Alguns teóricos analisam a lírica de *niedere minne* de Vogelweide tanto no aspecto formal quanto estrutural como genuinamente sentimental:

Turning to formal and structural elements in his work, such critics as W. T. H. Jackson and S. L. Clark have frequently praised Walther's use of simple language, natural imagery, and genuine feeling in his love songs. (<http://www.enotes.com/walther-von-der-vogelweide-essays/walther-von-der-vogelweide>).

A canção selecionada para ilustrar de que forma Vogelweide relaciona a natureza ao sentimento amoroso foi *Under der Linden*. Esta é, possivelmente, uma das canções mais conhecidas do *minnesänger* e apresenta claramente uma ruptura com a estética palaciana, na qual a o jogo literário é construído por meio da imagética da natureza.

Under der linden an der heide,
dâ unser zweier bette was,
dâ mugt ir vinden
schône beide gebrochen bluomen
unde gras.
vor dem walde in einem tal -
tandaradei!
schöne sanc die nachtigal.

Ich kam gegangen zuo der ouwe,
dô was mîn friedel komen ê.
da wart ich enpfangen hêre frouwe,
daz ich bin sælic iemer mê.
kuster mich? wol tûsenstunt!
tandaradei!
seht, wie rôt mir ist der munt.

Dô het er gemachet also riche
von bluomen eine bettestat.
des wird noch gelachet innecliche,
kumt iemen an daz selbe pfat.
bî den rôsen er wol mac -
tandaradei!
merken, wâ mirz houbet lac.

Daz er bî mir læge, wessez iemen,
- nu enwelle got - sô schamt ich
mich.
wes er mit mir pflæge, niemer
niemen
bevinde daz wan er unt ich
und ein kleinez vogellîn!

Sob a tília na charneca,
Lá onde o nosso leito estava,
Poderá encontrar
Belas as flores e a grama colhidas.
Diante do prado, em um vale -
Tandaradei!
Canta o belo rouxinol.
Eu vim para o prado,
Onde meu amigo já havia chegado
Então fui recebida “bela senhora!”,
Como ele me abençoou!
Se ele me beijou? Mais de mil
vezes!
Tandaradei!
Veja, como está vermelha a minha
boca.
Lá ele fez então um rico
Leito de flores.
Rimos então disso
Escondidos,
Se alguém passasse por esse

A seguinte canção fala do encontro amoroso entre uma moça comum e seu *amigo*. Como é bem sabido, a denominação de amigo, não só na lírica medieval de língua alemã, mas igualmente na lírica provençal e galego-portuguesa, denota um parceiro do sexo oposto com o qual há envolvimento amoroso. Um paralelo possível é associar as *niedere minne* com as canções d'amigo portuguesas.

É preciso notar que tudo que ocorre nesse encontro, é testemunhado unicamente pela natureza: a tília, a charneca e o rouxinol. O sujeito poético feminino descreve o leito em que ocorre o encontro amoroso como “um rico leito de flores” em um vale sob as tílias. Essa descrição simples e afetuosa demonstra não somente o sentimento amoroso que envolve o momento, mas também a familiaridade com a qual o sujeito poético tem com a paisagem. Sendo o sujeito e seu amigo pessoas comuns de nascimento, o amor concretiza-se em um ambiente no qual eles partilham uma vivência frequente: a natureza.

Mesmo estando claro que existe consenso entre as partes para que haja o contato corporal entre eles, como vemos nos versos “Se ele me beijou? Mais de mil vezes!/Tandaradei!/Veja, como está vermelha a minha boca.” E a concretização do sentimento, como ficou patente em “Que ele se deitou comigo, se soubesse alguém,/Pela Graça de Deus – como eu me envergonharia”, ainda assim, se trata de um amor envolto em certa pureza. O baixo amor, mesmo sendo baixo, não deixou de ser “minne”. Apesar de haver uma concretude no ato dos amantes, existe uma carga sentimental evidente, mesmo não havendo o jogo amoroso de frieza e rejeição que era difundido pelo *høhe minne*. O amor deixa de ser um ideal para ser algo real, vívido e natural e, como tal, é selado em proximidade à natureza que é parte fundamental da Graça de Deus para com os homens, e sendo assim, é pura e abençoada.

Vemos nesse amalgama do homem com a natureza uma reminiscência pagã, que evidencia a diferença entre a ótica do amor cortês, apresentado de acordo com uma tradição eclesiástica vigente, tendo a vida palaciana como cenário. O homem comum, apesar da sua religiosidade cristã, era ainda fortemente influenciado por crenças pagãs, havendo (guardadas as devidas proporções) um sincretismo no que tange à vida espiritual.

Um elemento que já nos indica esse flerte com o paganismo é a tília. Essa árvore bastante comum na região centro-sul da Europa, é mencionada já em uma conhecida saga germânica que inspirou a “Canção dos Nibelungos”: A saga de Siegfried, o matador de dragões.

No episódio no qual ele mata o dragão Fafner e, assim, adquire impenetrabilidade ao ser banhado no sangue deste, há um ponto que o sangue não cobre: “havia apenas um ponto que ficou seco, pois a folha de uma tília colara no local – o que mais tarde seria a causa de sua fatalidade” (SCHWARZBACH, 1996: 164).

A tília desde os primórdios do folclore germânico é considerada uma árvore que, assim como o carvalho (que seria a morada dos deuses), é símbolo de força e longevidade. Mesmo sendo uma árvore bastante comum na região, a escolha dessa espécie pode não ter sido em vão. Levando-se em conta o significado popular dedicado a ela, podemos inferir que o amor que foi concretizado sob a tília era forte e perpétuo; podemos enxergar nesse ato uma forma de unir às vidas de ambos para sempre, como um “matrimônio”. Sabe-se que o casamento, enquanto cerimônia formal, não era largamente difundido entre as camadas mais baixas da população e era visto muito mais como aliança política entre as famílias.

Outro componente do cenário apresentado que nos chama a atenção é o rouxinol. Logo na primeira estrofe, o pássaro é aquele que anuncia o encontro dos amigos. Durante todo o desenrolar do encontro, ele se faz testemunha e canta o “tandaredei” que acompanha o casal até o desfecho da canção. Conhecido por seus hábitos noturnos, o rouxinol (que tanto em inglês quanto alemão tem seu nome associado à noite: nightingale e nachtgale respectivamente) é inúmeras vezes associado à arte do canto e da poesia e também ao romance em diversas obras, a ponto de ter caído na banalidade de tal simbolismo.

É interessante observar que, alguns poetas mencionavam o fato de ser a fêmea aquela que canta e não o macho (o que, na realidade, não ocorre), além de ser, de fato uma ave de comportamento tímido e que não se deixa ver, escondendo-se na relva.

O comportamento da ave pode ser assemelhado ao próprio sujeito-lírico: essa canção é cantada por uma mulher, cujo amigo com ela se encontra à noite (uma vez que o rouxinol está a cantar) e longe dos olhares dos outros. O sujeito, inclusive, se preocupa e se intimida com a possibilidade de seu segredo ser revelado: “Que ele se deitou comigo, se soubesse alguém,/Pela Graça de Deus – como eu me envergonharia.” Ela espera que, assim como ela, o pássaro seja discreto e guarde seu segredo, sendo ele o único além dos amantes a saber do que houve.

A composição do cenário na relva, sob as árvores e ouvindo apenas o cantar dos pássaros é uma forma de o trovador trazer a verossimilhança pelo uso dos elementos comuns no cotidiano do camponês medieval. Desse modo, o poeta consegue arrematar de magistralmente o niedere minne do aspecto popular, e mais próximo do real.

Considerações finais:

Walther von der Vogelweide constrói sua lírica do *amor real* a partir de aspectos simbólicos tomados da natureza. Usando tanto o cenário natural como as reminiscências folclórico-pagãs que tais elementos representam, aproxima a concretização do amor aos elementos do cotidiano do camponês medieval, tornando possível a relação de verossimilhança entre a canção e a vivência dos homens e mulheres comuns.

Apesar de haver a concretização do amor, diferente do que ocorre nas canções de amor cortês onde há um distanciamento entre o objeto de amor e aquele que ama, Vogelweide mostra essa vivência do amor como algo puro em que a natureza, perfeita e parte da Criação divina, sendo possível identificar valores morais como a bondade, a perseverança e a fidelidade. Tais preceitos afastam esse amor do que seria considerado Liebe, algo unicamente voltado para o prazer carnal, e o aproximam do conceito de Minne, que é o sentimento duradouro que ainda persiste mesmo após a partida do amigo.

Bibliografia:

BASCHET, Jérôme (2011), *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*, São Paulo, Editora Globo.

BARROS, José d'Assunção (2011). O Amor cortês - suas origens e significados. *Raído*, Dourados, 5, 9. Disponível em <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/979>

BEUTIN, Wolfgang (1993), *História da Literatura Alemã*, Lisboa, Edições Cosmos.



CURTIUS, Ernst R. (2007), Retórica antiga e literatura comparada. *Rev. USP*, São Paulo, 72. Disponível em http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892007000100018&lng=pt&nrm=iso.

SELANSKI, Wira. (1997), *A poesia niedere minne de walthar von der Vogelweide*, Rio de Janeiro, Velha Lapa.

SPINA, Segismundo (2007), *A cultura literária medieval*, São Paulo, Ateliê editorial.

SHIPPEY, Thomas Allan (1970), Listening to the Nightingale. *Comparative Literature*. University of Oregon, 22, 1. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1769299>.

SCHWARZBACH, Martin Beheim (1996), *Sagas de heróis e cavaleiros*, v.1, Rio de Janeiro, Paz e Terra editorial.

Sitiografia:

<http://www.repom.ufsc.br/repom5/barros/barros.htm> (último acesso em 14/05/2013).

<http://www.enotes.com/walthar-von-der-vogelweide-criticism/walthar-von-der-vogelweide> (último acesso em 15//2013).

Sobre a autora: Úrsula Antunes é bacharel em Letras: Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Licenciada em Português (Cândido Mendes/AVM), cursou História Antiga e Medieval na Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (360h); Atualmente é professora de língua alemã no curso Wizard, e atua como professora de Português e tutora de uma oficina de Leitura na E.M. Gurgel do Amaral promovidos pelo projeto “Mais Educação” (MEC) para escolas da rede pública. Interessa-se também pela área de estudos interdisciplinares em Literatura e História da Idade Média, com foco na questão do feminino, da feminilidade e da misoginia no contexto medieval, além da religiosidade cristã da Antiguidade Tardia ao Renascimento. Foi parte do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade Média (NIELIM), coordenado pelo Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Jr.